

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 700

# SÃO PEDRO às PORTAS do CÉU

ADAPTAÇÃO DUMA ANEDOTA por MARIA ARCHER

**LUIS (pasmado)** — Então isto é que são as portas do céu?

**ANTÓNIO** — Pois está claro! E que lindas portas! Parecem de prata. Será verdadeira? (*Apalpa*).

**JOSÉ (muito sério)** — Ora sempre tens coisas! Então as portas do céu haviam de estar falsificadas? O que eu não vejo é o senhor São Pedro. Teremos que bater à porta. Bate tu, António.

**LUÍS (contrito)** — Toco eu, que sou o mais pecador. (*Bate três pancadas. De dentro ouve-se a voz de São Pedro*).

**VOZ DE SÃO PEDRO** — Quem vem lá?

**LUÍS** — Faça favor de abrir! São almas.

**SÃO PEDRO** — Lá vou, lá vou. (*Ruído de chaves. Abre-se a porta*). Então que queres?

**JOSÉ** — Queremos entrar, senhor São Pedro.

**SÃO PEDRO** — Mais devagar, mais devagar. Aqui não entra quem quere; é

só quem merece. Eu preciso de ver isso. Vamos por ordem. Passe primeiro quem vem mais leve. Qual de vocês é o melhor?

**ANTÓNIO** — Sou eu, senhor São Pedro. Eu sou muito bom rapaz. Olhe que quando eu morri ficou toda a gente a chorar!

**SÃO PEDRO** — Bom, bom, vamos

lá ver o teu caso. Sim, que para aqui, para o céu, só vêm as almas sem culpas. Temos o purgatório para os pecadores e o inferno para os criminosos sem remissão. Ora, tu tens que me confessar os teus pecados e, conforme a tua vida, eu mando-te ao teu destino. Ora, dize lá o que fizeste tu em criança?

**ANTONIO** — Quando era muito pequenino berrava enormemente. Ah, senhor São Pedro, foi um grande pecado! A minha mãe não podia dormir; eu estava sempre de boca aberta, numa gritaria...

**SÃO PEDRO** — Que idade tinhas?

**ANTÓNIO** — Apenas um ano...

**SÃO PEDRO** — Bom, bom; então estás perdoado... E depois?

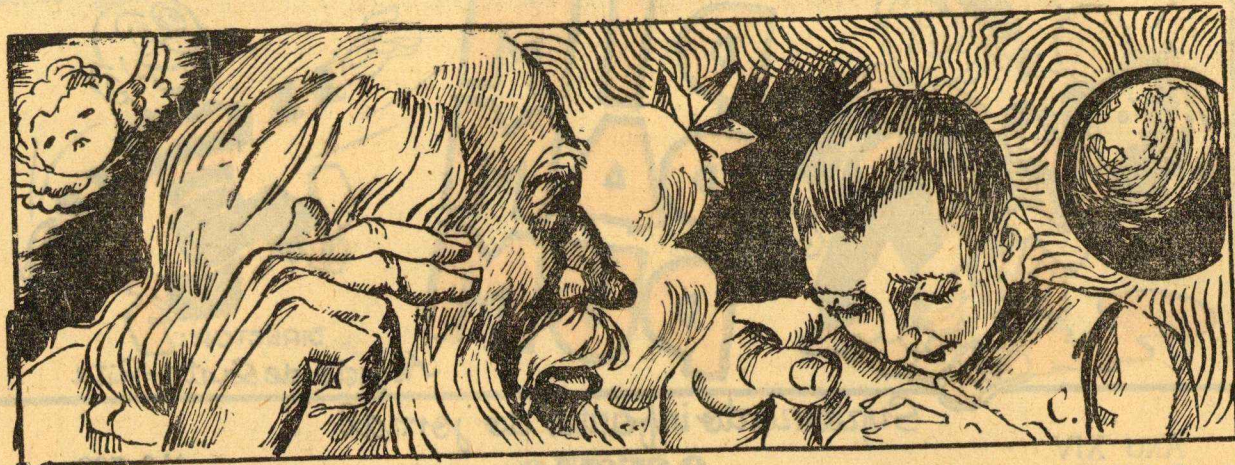
**ANTONIO** — Quando comecei a ir à escola não aprendia mesmo nada. Só queria jogar o pião...

**SÃO PEDRO** — E que idade tinhas?

**ANTÓNIO** — Cinco anos...

**SÃO PEDRO** — Bom, está bem, também te perdoo. E depois de cres-





cido pecaste ainda? Bateste nos animais?

ANTÔNIO — Não, senhor São Pedro. Sempre os tratei muito bem.

SÃO PEDRO — Arrancaste os dentes às galinhas?

ANTÔNIO — Não, às galinhas só arranquei as penas.

SÃO PEDRO (*irritado*) — Ah! Patife! Com que então arrancaste as penas às galinhas?! Já vejo que me querias enganar! És um mentiroso!

ANTÔNIO (*aflito*) — Não, não, senhor São Pedro; olhe que eu até tenho mentido pouco! Só disse três mentiras em toda a minha vida!

SÃO PEDRO (*radiante*) — Bem, visto isso, deixo-te entrar no céu. Mas antes de entrares, para te desobrigares do pecado dessas três mentiras, dá uma volta, a pé, em roda do céu. É um instantinho... não te custa nada...

ANTÔNIO — Um instantinho, senhor São Pedro! O céu é tão grande! Isso leva para aí um dia! E a bom andar!

SÃO PEDRO — Tem paciência, filho. É a lei... (*Vira-se para os outros.*) E de vocês dois, qual é o melhor?

JOSÉ — Eu, senhor São Pedro. Eu tenho menos pecados que o Luís.

SÃO PEDRO — Dize lá... Já em pequenino pecavas?

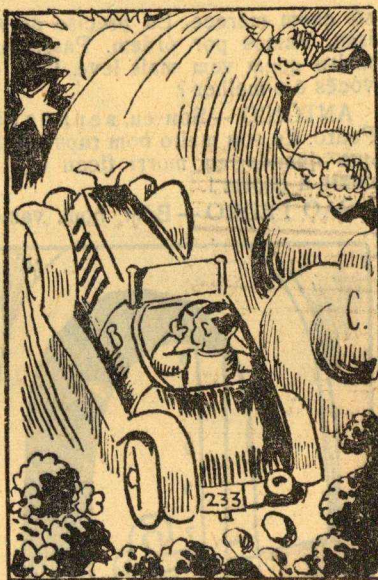
JOSÉ — Sim, senhor São Pedro. Ralava muito a minha mãe, porque não queria comer a sopa! Só gostava de batatas fritas e de rebuçados!

SÃO PEDRO — Que idade tinhas?

JOSÉ — Três anos...

SÃO PEDRO — Bem; isso não têm dúvida... Estás perdoado. E na escola portaste-te bem? Estudavas os verbos, decoravas as lições, escrevias as cópias?

JOSÉ — Verbos, verbos... sim, não sei o que sejam... Escrever, também



não sei escrever... É por isso que nunca fiz cópias... Lições também nunca decorei... Sim, é melhor dizer tudo, eu nunca estive na escola...

SÃO PEDRO — Ai! Minha vida! Com quem eu estou metido! Outro que me quer enganar! E's também

um mentiroso, pelo visto! Quantas vezes mentiste, conta lá?

JOSÉ — Eu, senhor São Pedro? Sei lá! Não foram muitas, mas foram bastantes.

Olhe, senhor São Pedro, eu disse que tinha em casa as botas das sete léguas... e que os ratos da minha despensa davam os bons dias e as boas noites... e que a minha vizinha punha ovos... e que o rei era de ouro... e que os piriquitos eram filhos dos papagaios...

SÃO PEDRO — Ih! Ih! Ih!

JOSÉ — É muito, senhor São Pedro?

SÃO PEDRO — Pois é claro que é muito! Mas, enfim, deixo-te entrar. Antes, porém, darás dez voltas ao céu. Dez voltas a pé, em toda a roda do céu!

JOSÉ — Ai! Senhor São Pedro, que isso leva muito tempo! E que estafa!

SÃO PEDRO — Meu amigo, é a lei... (*Olha em redor.*) Mas onde está o outro? Vocês eram três e agora só aqui vejo dois? Que é feito do vosso companheiro?

ANTÔNIO — Saiba o senhor São Pedro que o Luís foi lá abaixo, a

terra, buscar uma moto... ou um automóvel. Como ele mentiu mais do que nós, há-de ter tanta volta para dar que nunca mais acabaria, se fôsse a pé... De carro sempre é melhor...



## Milagre de Santo António

SANTO António foi, um dia,  
Passear,  
Meditando num sermão,  
Que devia pronunciar.

Súbito, ouviu, muito perto  
Rumores de algum ser vivo...  
Era uma pobre mulher  
Num soluçar convulsivo.

Ao perguntar-lhe o que tinha,  
Carinhoso e comovido,  
Ouviu, com pasmo, que o filho  
Lhe havia há pouco batido,

E que em lugar dos carinhos  
Que os filhos devem aos pais,  
Ela só nele encontrava  
Maus tratos e nada mais.

Por  
FRANCISCO  
VENTURA

Santo António ficou triste;  
E, depois de a consolar,  
Afastou-se, lentamente,  
Taciturno, a meditar.

A pòbrezinha da mãe,  
Depois de enxugar o pranto,  
Voltou para sua casa.  
Mas qual não foi seu espanto,

Ao ver, mal transpôs a porta,  
Num tormento sem igual,  
Seu filho, há pouco inda são,  
Prêso dum estranho mal.

Então, esquecendo agravos  
Recebidos inda há pouco,  
A mãe ergue as mãos ao céu,  
Dando um grito quási louco.

Antes se quere ver doente  
Que ver doente o seu filho.

Em vão a mãe, lacrimosa,  
Ia a médicos de fama,  
Para ver se lhe tiravam  
Seu pobre filho da cama.

Em vão percorria os campos,  
Trazendo certas ervinhas  
Para as transformar, em casa,  
Em conhecidas mênzinas.

Debalde em mágoas profundas,  
Seu peito se consumia.  
Mas êle não melhorava  
Nem de noite nem de dia.

Até que em certa manhã,  
Sem já saber que fazer,  
Ela disse: — «Filho, agora,  
Só Deus nos pode valer.»

Transportando-o no regaço,  
Com as forças que inda tinha,  
Foi pô-lo junto aos degraus  
Da porta duma igrejainha.

Ela contou a desgraça  
Que lhe tinha acontecido.

Então, o Santo, sorrindo,  
Disse-lhe: «Não chores mais,  
O mal do teu filho é findo.  
Acabaram-se os teus ais.

Todo o mal que êle tem tido  
Fui eu, só eu, quem lho deu,  
Para o fazer regressar  
Ao bom caminho do céu.

Pois que êle, sem escutar  
As palavras de ninguém,  
Dava profundos maus tratos  
A ti, que és a sua mãe.

Eu quiz, sòmente, mostrar  
À sua alma ensandecida,  
Que não há quem mais nos queira  
Como quem nos deu a vida.

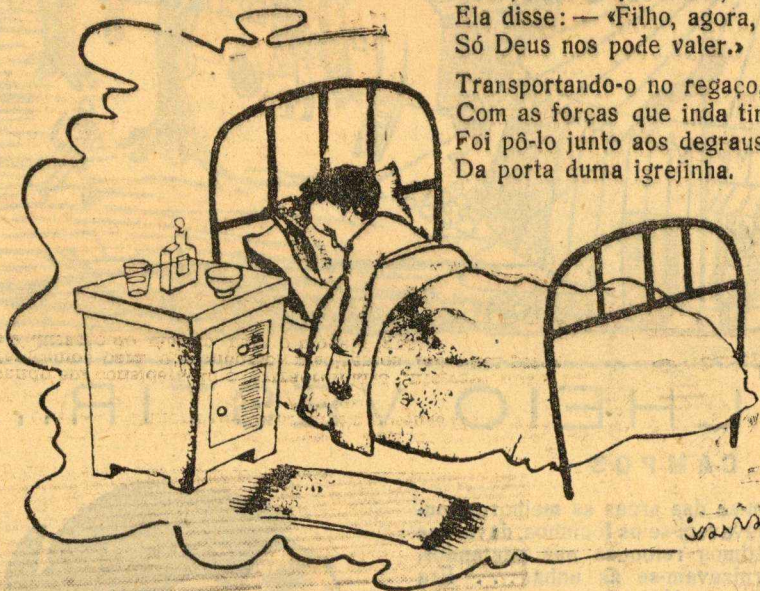
E agora tu, filho louco,  
Que déste tanto desgosto  
A êstes olhos magoados,  
A êste pálido rosto,

Dize se já encontraste  
Neste mundo, alguma vez,  
Quem te adorasse como ela,  
Quem fizesse o que ela fez?»

Então, êle que durante  
A doença que o venceu  
Encontrára em sua mãe  
Mais do que um anjo do céu,  
Já sem nenhum sofrimento,  
Cheio de funda emoção,  
Só soube cair de joelhos,  
Só soube dizer: «Perdão!»

Logo Ela — ou não fôsse mãe —  
Erguendo o filho do chão,  
Pagou com beijos e abraços  
O suplicado perdão.

É que, por todo êste mundo,  
Não se encontra em mais ninguém  
Um amor que seja igual  
Ao amor de nossa Mãe.

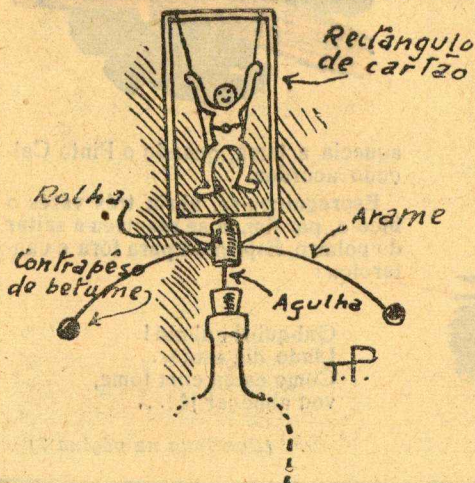


Correu para o seu filhinho,  
Preguntando-lhe o que tinha...  
Depois, foi ver se encontrava  
Qualquer remédio ou mênzina.

É que tôda a mãe — (estrêla  
Cheia de fulgenté brilho) —

Nesta altura, Santo António  
Vinha da igreja a sair  
E, ao vê-los, perguntou logo:  
«O que vos faz aqui vir?»

E entre pranto, que não pôde  
Nos olhos seus ver contido,



## UMA HABILIDADE

Este passatempo consiste em equilibrar um balouço numa agulha.

Parece difícil, mas, examinando bem o desenho, ver-se-á a facilidade da sua execução.

## OS NOSSOS CONCURSOS



A menina Lucília Mendes de Abreu  
premiado no Concurso Encontraí  
Rimas e Fixai Conceitos

# MEMÓRIAS DO GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado do número anterior)

## III CAPÍTULO EM TERRAS DE FRANÇA

Já instalados num «appartement», o primeiro cuidado do meu empresário foi mandar chamar um alfaiate, que logo compareceu, a fim de me tirar medidas para um fato de linho.

Escusado será dizer que o pobre alfaiate se viu de-  
ras atrapalhado para me tirar as medidas, tendo-se visto  
na necessidade, por vezes, de saltar para cima dum banco  
e que o fato custou três vezes mais do que, geralmente,  
custa um fato de homem, dada a quantidade de fazenda  
precisa.

(Continua na página 7)



# QUEM O ALHEIO VESTIR...

Por LEONOR DE CAMPOS

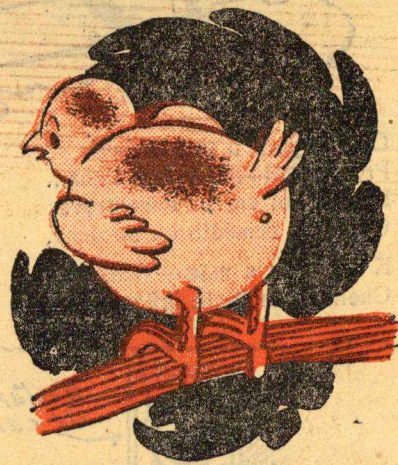
**H**AVIA nesse dia uma pa-  
rada. El-rei Leão pas-  
sava em revista as suas  
tropas.

Todos os bichos e bi-  
chas — estas, principal-  
mente — desde madru-  
gada, se preparavam para a festa. Ti-

ravam-se das arcas as melhores rou-  
pas, lavavam-se os focinhos, davam-se  
os últimos retoques nos penteados,  
envernizavam-se as unhas... Era  
grande a azáfama...

Só o Pinto Calçado dormia a bom  
dormir.

E havia já muito o sol iluminava e

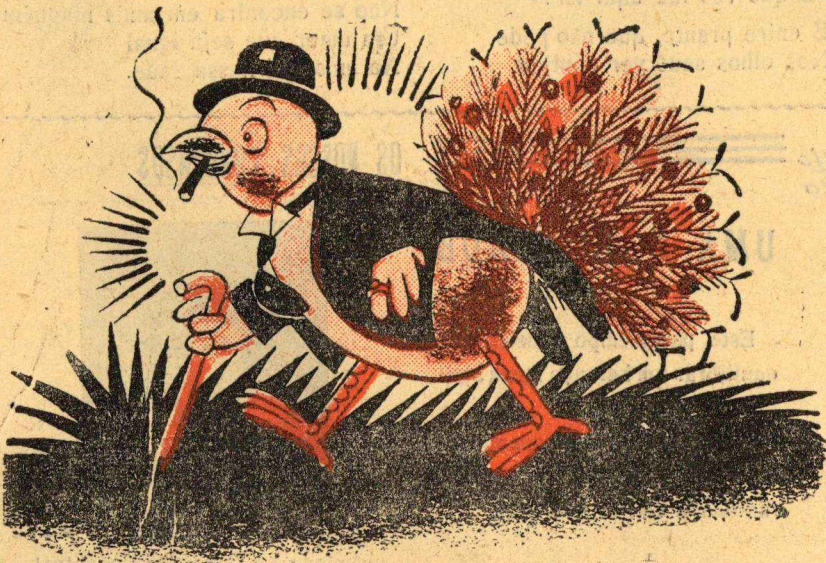


aquecia a terra, quando o Pinto Cal-  
çado acordou.

Espreguiçou-se, abriu três vezes o  
bico e, por fim, lá se resolveu a saltar  
do poleiro. Espreitou para fóra e can-  
tarolou:

Qui-qui-ri-qui-qui!  
Lindo dia está!...  
Como estou com fome,  
vou almoçar já!...

(Continua na página 7)



# A AMBIÇÃO DA VAREJA UM DESENHO ALEGÓRICO

por LAURA CHAVES

**U**MA senhora Vareja vivia muito ralada, sempre mordida de inveja... Qualquer camisa lavada, rôta, pobrezinha até, lhe punha as asas em pé.

Do mosquitinho, o bogalho, a casquinha do pinhão, a bolota do carvalho, o buraco do sardão, davam-lhe cobiça insana, 'té perdia a trasmontana!

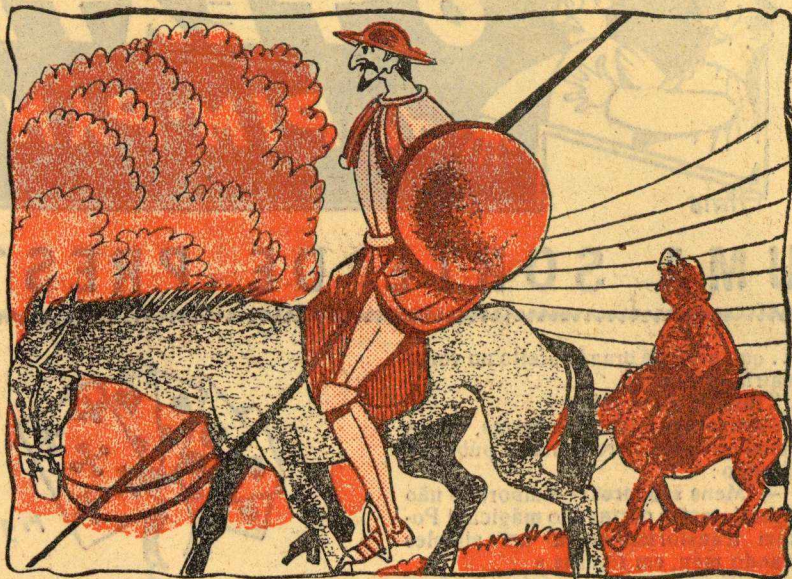
Mas, sobretudo, na vida, o que a fazia rabiar, numa inveja desmedida, difícil de imaginar, era o zumbido fagueiro do mosquito trombeteiro.



Pois ficava, num furor, praguejando contra o mundo, porque o bicho era tenor e ela era baixo profundo. Quis aprender a cantar para a voz modificar.

Foi ter com mestre Bezouro, — um professor afamado — e ofereceu-lhe um tesouro se o seu saber comprovado, a fizesse zumbir fino. Disse-lhe assim: — Maestrino!

Eu quero ter uma voz melhor que a do Trombeteiro; dar os rés e dar os dós como um soprano ligeiro. Conseguir fazer os trilos ainda melhor que os grilos.



Queridos amiguinhos: — O desenho que reproduzimos hoje, representa as duas principais figuras duma obra célebre da literatura espanhola. Digam-nos, se sabem, ou, se não sabem, perguntem aos vossos papás ou aos vossos mestres, quem são elas, em que século foi escrita e quem foi o seu autor.

## A E I O U

PARA OS MAIS PEQUENINOS  
por GRACIETTE BRANCO

**P**ARA na Escola brilhar e merecer distinção, basta, apenas, estudar e prestar muita

Atenção!

E para criar afecto, amizade e gratidão, é preciso ser correcto e mostrar

Educação!

Para, sempre, em sociedade, encontrar benevolência, dar raízes à Vontade e vigor à

Inteligência!

Tudo se vence, afinal, com valor e paciência,

Vai, então, o professor puxou-lhe a voz à cabeça para ela ser tenor... — Mas aquilo, só por peça! — O demónio tudo estraga e Vareja ficou gaga!

O Bezouro, atrapalhado, puxou-lhe a voz para o peito, o que deu em resultado ainda um pior efeito. Com tal subida e descida ficou a môsca entupida.

sendo sempre bom, leal e cuidando a

Obediência.

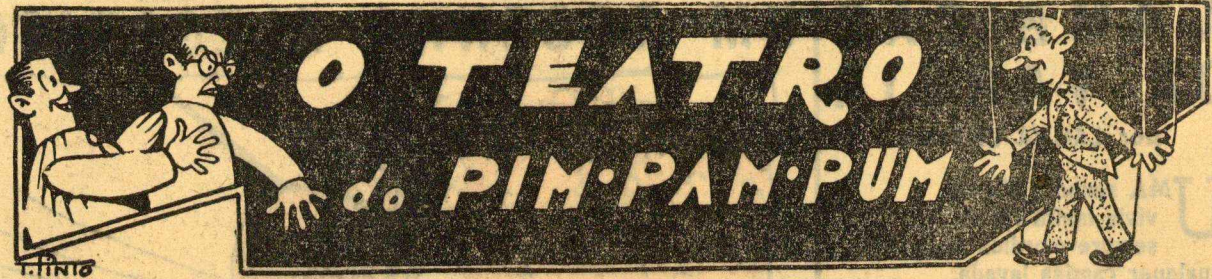
E para levar a palma, sem favor, à Humanidade, basta ter virtude n'alma e, na vida,

Utilidade.

Meus meninos: meditai nas virtudes principais, que nêstes versos gravei com muito amor e ternura. São cinco, como as vogais do livrinho de leitura que vos deram vossos Pais!

Já nem voz fina nem rouca, tinha a môsca desgraçada. Quando a pobre abria a bôca saía o ar... e mais nada! E só por causa da inveja emudeceu a Vareja.

Se todo o ser invejoso pagasse a sua maldade com tal castigo afrontoso, metade da Humanidade — ninguém com isto se iluda — era gaga ou era muda.



# UMA SORTE DE PRESTIDIGITAÇÃO

... que será de grande efeito no vosso teatrinho caseiro.

Trata-se do seguinte: Mostrarei algumas cartas, umas cinco ou seis, ao «respeitável público» dizendo:

—«Mens senhores;—Embora o não penseis, estas cartas são mágicas! Podem transformar-se, a um simples mando meu, em figuras.»

E juntareis o dito ao feito. Juntam-se as cartas, voltam-se para baixo, fazem-se uns sinais cabalísticos com a mão e voltam-se.

E—oh! admiração!!!—estão realmente transformadas em figuras... — Como seria isto?

Explicação: — Quando se mostram as cartas em leque, os espectadores só vêem metade de cada uma, e só a da frente é que está inteira Fig. 1. O segredo consiste em preparar as 5 cartas, das quais se vê a metade, da forma representada na fig. 2.

A da frente, que se vê inteiramente, prepara-se como está em 3.

E pronto!

Eis o segredo desvendado.

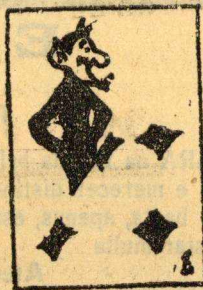
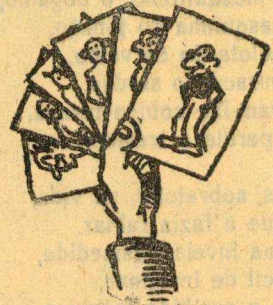
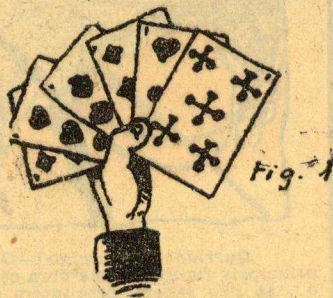
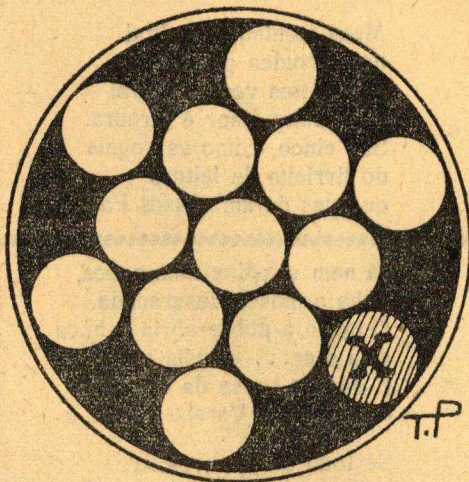


Fig. 2

Fig. 3

# HORA DE RECREIO



T.P

## UM PROBLEMA

O Malaquias que, não desfazendo, é um homem muito inteligente, tinha uma caixa redonda, onde costumava guardar treze pedras dum jogo de damas. Para elas não fica-

rem a dançar, punha-as na posição indicada no desenho. Ora, há dias, perdeu uma, a pedra X, por exemplo. Como não tinha outra e não as queria ver a mexer na caixa, tanto pensou que arranjou forma de as dispôr de maneira a elas ficarem seguras.

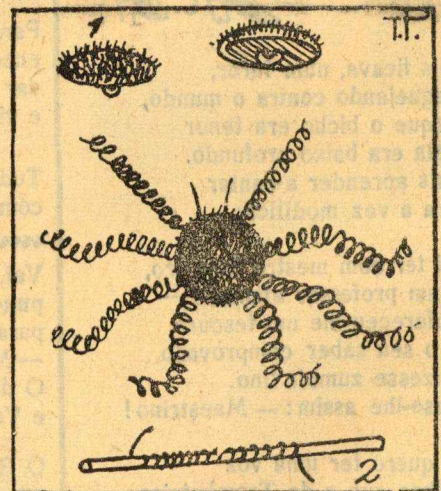
Serão os leitores inteligentes como o Malaquias?

No próximo número vejam a solução.

## COMO SE FAZ UMA ARANHA

Arranja-se um botão, do feito indicado na figura 1 e forra-se com um bocadinho de feltro preto. Em seguida, fazem-se as patas, enrolando um arame muito fino numa tira de madeira (fig. 2) e prendem-se à asa do botão.

Assim fica pronta uma aranha, com que podereis pregar vários sustos aos distraídos.



## O GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado da página 4)

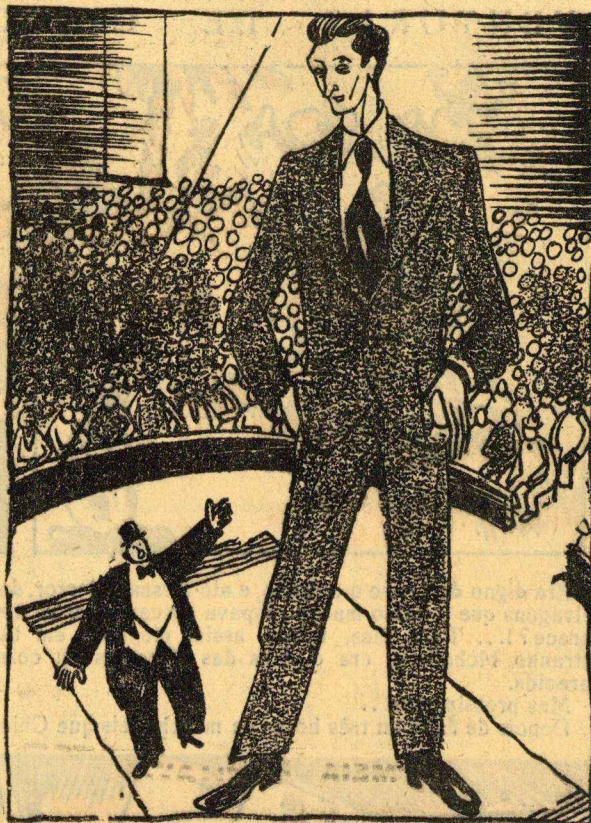
Dois dias depois, o fato estava pronto e, já devidamente enfarpelado, sai a passeio, causando a admiração dos transeúntes. Numa das principais praças do porto, já se encontrava armado o grande circo, forrado de madeira e lona. Tôda a companhia, constituída por seis homens e três mulheres, andava atarefada nos preparativos do grande espectáculo que deveria ser inaugurado no dia seguinte, às dezasseis horas. O grupo masculino era constituído por um domador de feras, — (um leão, uma leoa e um tigre, cuja jáula já estava colocada ao centro) — um equilibrista, um acrobata, dois palhaços e um anão que passaria a trabalhar a meu lado, e por uma acrobata e duas cançonetistas.

Nessa mesma tarde, ensaiei uns números de provável sensação, dos quais um consistia em atirar ao ar o anão, como se fôra uma bola e apanhá-lo no ar, só com uma mão, o que provocaria, entre os assistentes, gerais gargalhadas.

No dia seguinte a lotação do circo esgotou-se. O efeito das bancadas, repletas de povo, era bastante animador e deveras estimulante. Num grande cartaz, à entrada do circo, o meu retrato desenhado, com o anão entre os dedos, anunciava o número sensacional.

O circo estava à cunha. Chegara a hora de principiar o espectáculo e já, impaciente, o público assobiava e batia com os pés nas bancadas, na ânsia de divertir-se. Finalmente a música irrompeu em festivos acordes de cornetim. O primeiro número do programa, consistia na apresentação dos célebres equilibristas, os dois irmãos Pluma, um suggestivo nome de cartaz. Era realmente um número de sensação.

(Continua no próximo número)



## QUEM O ALHEIO VESTIR

(Continuado da página 4)

E depois de bater as asitas preparava-se para sair, quando à porta assomou a cabeça da dona Pêga que, como se sabe, é muito bisbilhoteira.

— «Olá!... Como vai a saúdinha?»

— «Menos mal! Então o que a traz por cá?»

— «Ver-te, meu querido amigo, pois que houivera de ser? E diga-me: Já se arranjou para a festa?»

— «Qual festa?»

— «Então o meu amigo não sabe que é hoje o dia...»

Pinto Calçado interrompeu a Pêga com um grande *qui-qui-ri-qui!*...

— «*Qui-qui-ri-qui!*... Sou um esquecido... É verdade, é, dona Pêga.

É hoje a grande parada!... Ora a minha vida?!... E eu que nem tenho

roupas, nem calçado em termos para ir à festa!... Que hei-de fazer?»

— «Leve o que tem!...»

— «*Nã.* Não gosto de fazer figuras tristes...»

Dona Pêga sorriu e lembrou:

— «Então peça emprestado!...»

— «Boa lembrança. Vou já a casa dos vizinhos... Quere a dona Pêga acompanhar-me? Era favor...»

— «Pois sim, amigo Pinto Calçado. Vamos lá então...»

E os dois abalaram, de sociedade.

A primeira porta a que bateram, foi à do senhor Grilo. E mal o dono da casa apareceu, Pinto Calçado cantou:

— «Senhor Grilo, meu vizinho, empresta-me o fraquezinho?»

O Grilo hesitou, coçou as antenas, mas, por fim, resolveu-se a emprestar-lhe o fraque.

Mais adiante, encontraram o Pato Marreco, um grande amigo do Pinto Calçado. E este pediu:

Empresta cá as luvinhas, p'ra eu calçar nas patinhas...

Pato Marreco sacudiu o caracolinho e, de má vontade, emprestou-lhe as luvas.

Depois foram ter com a dona Poupa. E o Pinto Calçado cantarolou:

Empreste-me, senhora, o seu chapéu, p'ra eu maravilhar o povoléu?

E a dona Poupa emprestou o chapéu. Finalmente, avistaram-se com dom Pavão, a quem o Pinto Calçado se dirigiu, sorrindo humildemente:

Quería fazer um vistão, c'o seu leque, dom Pavão.

Dom Pavão, muito pedante, mirou-o de alto a baixo, sorriu com ironia e estendeu-lhe o leque. Pinto Calçado apressou-se a segurar-lhe, agradeceu e regressou a casa carregado mas feliz.

Dona Pêga despediu-se, pois tinha ainda muito que fazer. E Pinto Calçado ficou a vestir-se, contente da sua vida. Enquanto se vestia, ia cantando:

Estou bem liró

A bicharada, quando me vir, fica pasmada!... Vou arranjar um derricho!... Mas depois, há reboliço!... Pois tôda a Franga bonita, gosta de um Pinto catita!...

Lá vai Pinto Calçado para o local da festa. Por onde passa, é uma admiração.

Os outros bichos murmuravam, maravilhados:

Está bem tafur  
O Pinto Calçado,  
com seu fraque azul  
luvas, leque e tudo!...

Ele finge não ouvir e continua a caminhar, muito senhor do seu bico.

Chegou cedo. Mas já uma grande quantidade de bichos o precedera na ânsia de apanhar melhor lugar. Todos o fitaram com assombro.

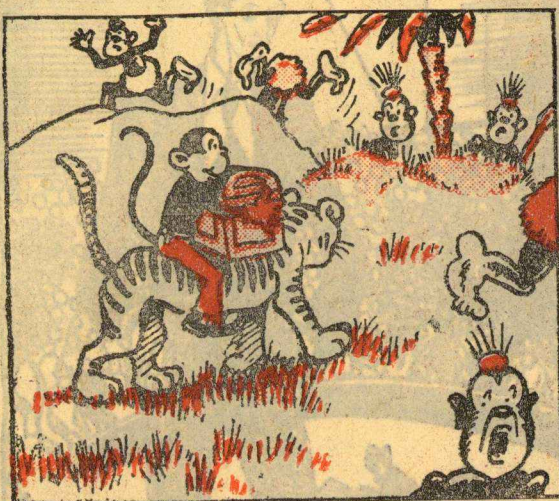
Pinto Calçado cada vez inchava mais. Sentia-se o rei da festa.

Só dona Pêga o mirava trocista, mas invejosa, cogitando no que havia de fazer para amachucar o orgulho do Pinto Calçado. E, de repente, a malvada teve uma ideia.

Dirigiu-se a Dom Pavão e palrou-lhe ao ouvido:

— «Linda figura faz o Pinto Cal-

AVENTURAS DE CHICO MACACO EM AFRICA



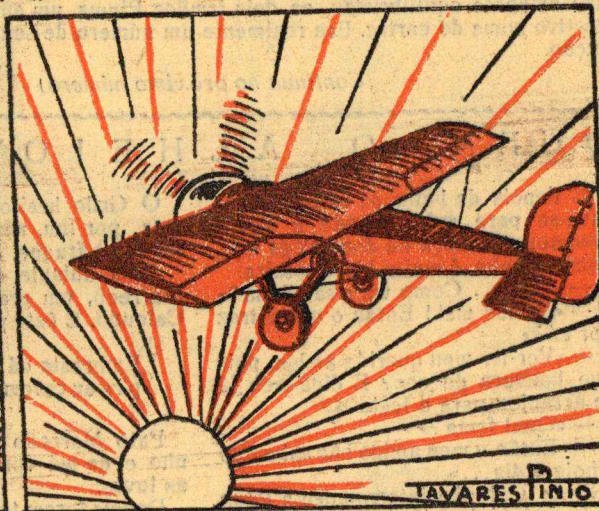
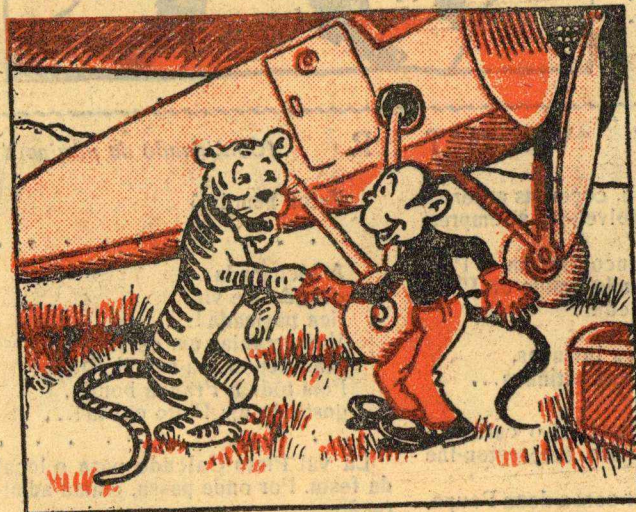
Era digno de ver-se o espanto, e até mesmo o terror, dos selvagens que o nosso macaco topava no caminho. Se lhes parece?!... Para eles, talvez, assim montado em tão estranho bicharoco, era o deus das florestas ou coisa parecida.

Mas prossigamos...

Depois de duas ou três horas de marcha, eis que Chico

se encontra inesperadamente com o malvado aviador (ver 1.º episódio) que lhe queimara o seu avião e o fizera cair na cratera.

Uma natural indignação o encheu. Preparava-se já para lhe dar o correctivo merecido, quando o tigre, sentindo-se desmontado, correu para o bandido, fazendo-o fugir, sem pinga de sangue, a 200 quilómetros à hora. — (Parece



mesmo que ainda está correndo, à hora em que escrevo esta notícia).

Com tamanha velocidade, o tigre não o pôde alcançar e, muito aborrecido, voltou para trás, vindo encontrar o nosso herói muito satisfeito, pois tinha tomado posse do espaço vital ou seja do avião do bandido. Feitas as des-

pedidas, Chico Macaco põe o motor a trabalhar e, rico enfim, toma a direcção de Portugal, onde os seus amigos e admiradores (todos os leitores do «Pim-Pam-Pum») o esperam para lhe prestarem a grandiosa homenagem que merece.

Não é verdade?

çudo com o seu leque!... Há mesmo quem diga que lhe fica melhor do que a si, Dom Pavão!...

Este que, como se sabe, é vaidosíssimo, irritou-se tanto com as palavras da Pêga que, sem querer ouvir mais, voou até junto do Pinto Calçado e arrancou-lhe o leque.

Entretanto, a Pêga saltitava dum lado para o outro, segredando aos bichos:

O que o Pinto veste,  
é tudo emprestado...  
Leque, fraque, luvas,  
chapéu emplumado!...

De maneira que, ao verem Dom Pavão arrancar-lhe o leque, desataram todos os bichos a rir à gargalhada e a gritar:

Querias um leque?  
Achata o béque!...  
Faremos grande escarcéu,

Se não largas o chapéu!...  
Tira o fraque e as luvinhas,  
O Pinto Salta-pocinhas!...

E tal motim se armou que o pobre Pinto Calçado ali mesmo se despojou do que pedira emprestado e, corrido

de vergonha, fugiu para casa, a chorar.

Foi então que o Doutor Mõcho, sábio respeitado e considerado, depois de procurar acalmá-lo, lhe disse:

Ouve bem o meu conselho:  
Nunca peças emprestado;  
Usa só o que fôr teu,  
e retém este ditado:

Quem o alheio vestir  
na praça o há-de despir!...